



SEÇÃO TEMÁTICA

Plantas de poder: o uso da ayahuasca no Centro de Unificação Rosa Azul (CURA), Pará-Brasil

Plants of power: the use of ayahuasca in the Centro de Unificação Rosa Azul (CURA), Pará-Brazil

*Ulliane de Oliveira Mesquita**
*Flávia Cristina de Araújo Lucas***
*Priscila Sanjuan de Medeiros Sarmento****
*Manoel Ribeiro Moraes Junior*****

Resumo: As plantas de poder são símbolos de curas e experiências transpessoais reconhecidas como portais que ampliam a consciência. A pesquisa objetivou compreender as dimensões socioculturais de uso da bebida ayahuasca no Centro de Unificação Rosa Azul, e sua associação em atenção à saúde física e espiritual. A coleta de dados ocorreu por observação participante e aplicação de questionários e formulários. Os resultados demonstraram que os participantes portam alto nível de compreensão sobre a doutrina, as plantas, o ritual e a cura. As plantas e a bebida atuam como guias de orientação para se alcançar a evolução espiritual, além de representarem caminhos para a cura física, mental e espiritual.

Palavras-chave: Amazônia. Enteógeno. Plantas sagradas. Cura espiritual.

Abstract: The plants of power are symbols of healing and transpersonal experiences, being recognized as portals that expand consciousness. The research aimed to understand the socio-cultural dimensions of using the ayahuasca drink at the Centro de Unificação Rosa Azul and its association with physical and spiritual health. Data collection took place through participant observation and application of questionnaires and forms. The results showed that the participants present a high understanding of doctrine, plants, ritual, and healing. Plants and drink are considered guides for achieving spiritual evolution and representing physical, mental, and spiritual healing.

Keywords: Amazon. Entheogen. Sacred plants. Spiritual healing.

* Mestra em Ciências Ambientais (UEPA, Belém-PA). ORCID: 0000-0003-3521-6592 - contato: ullianemesquita@hotmail.com

** Docente do Departamento de Ciências Naturais e do PPG em Rede Bionorte da UFPA (Belém-PA). Docente do PPG em Ciências da Religião da UEPA (Belém-PA). Doutora em Ciências Biológicas. ORCID: 0000-0002-0752-7206 - contato: copaldoc@yahoo.com.br

*** Bolsista de pós-doutoramento pelo ITV (Belém-PA). Doutora em Ciências Ambientais. ORCID: 0000-0002-5001-9573 - contato: priscilasanjuanbio@yahoo.com.br

**** Docente do PPG em Ciências da Religião da UEPA (Belém-PA) e do PPG em Sociologia e Antropologia da UFPA (Belém-PA). Doutor em Ciências da Religião (UMESP). ORCID: 0000-0001-6986-7671 - contato: manoelmoraes@uepa.br

Introdução

Ritos, mitos, símbolos, formas de interação intersubjetiva e cosmológica são elementos culturais de grande complexidade que o ser humano ergue para compor sua existência bio-significativa (Da Matta, 1981; Laraia, 2009). Nessa articulação de mundo, a capacidade criativa, o aprendizado, a linguagem e a organização social estabeleceram-se como qualidades humanas essenciais que vêm sendo aprimoradas por milhares de anos (Gottardo, Oliveira, 2016). Além disso, do contato com a natureza foram construídas conexões que se traduziram em cosmovisões e sinergias; que passaram a incluir a biodiversidade e sua capacidade de comunicação com entidades (Cruz, 2016).

As plantas, quando atuam como intermediárias entre humanos e o plano espiritual, recebem o título de seres superiores, pois são o refúgio para a superação de problemas físicos e espirituais (Gruzinski, 2003). Numa interpretação sociológica, antropológica e cultural da botânica como componente de liturgias, tais plantas foram denominadas por alguns estudiosos como plantas de poder. Desta feita, atribuiu-se (Goulart, Labate, Carneiro, 2005) a esse termo a possibilidade de ampliação da consciência e percepções de mundo; (Albuquerque, 2017) designou-as como autênticos mestres e professores que direcionam o indivíduo quanto ao seu modo de viver.

Religiões ayahuasqueiras, como o santo daime e união do vegetal (UDV), consagraram o uso de uma bebida milenar conhecida primordialmente por especialistas dos remédios da mata (Naranjo, 1986), combinando a esta bebida as heranças do catolicismo popular, tradição afro-brasileira, espiritismo kardecista e esoterismo europeu (Goulart, 2004).

A bebida ayahuasca, cujo termo origina-se do dialeto peruano quíchua que significa “vinho das almas”, é produzida a partir de duas espécies de plantas: o arbusto chacrona – *Psychotria viridis* Ruiz & Pav. e o cipó mariri, *Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb.) C.V. Morton (Luna, 1984). No cipó, encontram-se os alcaloides harmina, tetrahydroharmina e harmalina, inibidores da isoenzima Monoamino Oxidase (MAO-A), presentes no trato gastrointestinal, que bloqueiam o catabolismo do N, N-dimetiltriptamina (DMT) (Halberstadt, 2016). No arbusto, há alcaloides como o DMT, este sendo semelhante ao neurotransmissor serotonina (5-hidroxitriptamina), que se liga a receptores e age no Sistema Nervoso Central (SNC) (Bilhimer, Schult, Higgs, Wiegand, Gorodetsky, Acquisto, 2018). O DMT, quando ingerido em bebidas por decocção, produz efeitos fisiológicos como taquicardia e midríase, e pode ocasionar atividades psíquicas que se manifestam por meio de visões de plantas, animais e paisagens cênicas, encontro com figuras espirituais, *insights* etc. (Labate, 2002).

No estado do Pará, encontram-se grupos religiosos situados em áreas urbanas que adotam o consumo de ayahuasca, a exemplo do Centro de Unificação Rosa Azul (CURA). O CURA promove na comunhão com a bebida a reafirmação dos saberes tradicionais com as plantas, o estabelecimento de uma ordem espiritual que contempla o individual e o coletivo. Diante do exposto, a pesquisa objetivou compreender as dimensões socioculturais de uso da bebida ayahuasca no CURA, e sua associação em atenção à saúde física e espiritual. Para tal, foram propostas as seguintes perguntas: 1 – Qual o significado das plantas e da bebida no processo de cura? 2 – Qual o perfil

socioeconômico dos participantes? 3 – Como estão distribuídos os ensinamentos na doutrina?

Material e métodos

Local da pesquisa

O CURA localiza-se no município de Marituba, distante 19,36 km de Belém (PA). Está situado num terreno que se assemelha a um bosque, onde são cultivadas espécies frutíferas e ornamentais. Há ainda áreas destinadas ao cultivo do arbusto chacrona (chacronal) e a plantação do cipó mariri. Outros espaços são aproveitados para atividades e encontros ao longo do ano, como: os destinados às crianças, quartos para hóspedes, salão, casa de feitio (casa de preparação da bebida) etc. Em todas as áreas do CURA procura-se criar aconchego e ambiência para o contato com a natureza e a comunhão do grupo.

Procedimentos éticos

Antes de iniciar a pesquisa, foram realizados três encontros com os dirigentes do CURA para apresentação e construção dos primeiros diálogos, conforme os métodos discutidos por Da Mata (1981), no qual só há dados quando existe um processo de empatia correndo lado a lado. Posteriormente, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elaborado com base na Resolução N° 466/12. O TCLE e o projeto foram cadastrados na Plataforma Brasil, recebendo parecer de aprovado do Comitê de Ética em Pesquisa pelo número 2.841.491. Essas pesquisas foram ainda cadastradas junto ao CGEN (Conselho de Gestão do Patrimônio Genético) e ao SISBIO (Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade), de acordo com os termos da Lei N° 13.123/2015.

Coleta de dados

A coleta de dados foi executada nos meses de maio, setembro, outubro e novembro de 2017; e em janeiro, fevereiro, junho e julho de 2018, e ocorreram através de observação dos espaços e da rotina; foram aplicados questionários e formulários e houve participação em celebrações. As perguntas dos questionários foram elaboradas a partir de uma entrevista com o mestre geral da congregação, uma liderança muito respeitada no CURA. Tais questionários foram respondidos por 17 entrevistados e serviram para avaliar: o nível de compreensão dos participantes acerca dos ensinamentos que norteiam a doutrina do CURA, assim como o conhecimento sobre o ritual, baseado em uma série de condutas e procedimentos que conduzem ao aprofundamento sobre

a irmandade; os saberes sobre as plantas sagradas que fazem parte da bebida quanto ao uso, características químicas e representações simbólicas; e o significado da cura para os integrantes, vinculando à restauração física e espiritual. A elaboração destes seguiu a Escala de Likert (Likert, 1932), que consistiu em quatro blocos de afirmações, e cada afirmação possuía cinco escolhas: total e parcial concordância e discordância, e a opção indiferente.

Formulários qualitativos foram trabalhados com cinco pessoas por meio de entrevista semiestruturada (Albuquerque, 2010), uso de caderno de campo e observação participante, esta última considerada o ponto de partida de toda coleta de dados no CURA (Malinowski, 1976; Given, 2008). A técnica “turnê guiada” (Albuquerque, 2010) permitiu a observação dos plantios sagrados (chacrona e mariri), a coleta botânica e o registro fotográfico dos espécimes. Os nomes científicos foram confirmados por especialista em taxonomia vegetal e atualizados nas plataformas Flora do Brasil 2020 e The Plant List. Posteriormente, o material foi incorporado à coleção temática “Plantas Terapêuticas” do Herbário MFS Profa. Dra. Marlene Freitas da Silva, da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Análise de dados

Os dados dos questionários foram tabulados e, após isso, todas as afirmações de um único participante geraram uma média. Esse valor avaliou a compreensão geral sobre o conjunto de informações que circundam o CURA (a doutrina, o ritual, as plantas e a cura). A percepção de cada um dos entrevistados foi quantificada a partir das médias obtidas (Tabela 1). Essa metodologia foi adaptada de Bertolini (2004) e Brandalise (2008).

Tabela 1 – Grau de compreensão geral dos entrevistados sobre os blocos de afirmações referentes à doutrina, o ritual, as plantas e a cura

Grau de conhecimento	Score obtido a partir da média de todas as afirmações
A) Possui alta compreensão	Entre 8,0 e 10
B) Possui compreensão	Entre 6,0 e 7,9
C) Possui potenciais traços de compreensão	Entre 4,0 a 5,9
D) Possui poucos traços de compreensão	Entre 3,0 e 3,9
E) Não possui compreensão	2,9

Fonte: Adaptado de Brandalise (2008).

Para identificar as influências de perfis socioeconômicos dos participantes no nível de compreensão, foram analisadas as afirmações em quatro blocos separados (doutrina, ritual, plantas e cura). As diferenças do grau de compreensão com relação ao gênero, religião, motivo da busca, como conheceu o CURA e a participação ou não em outra religião ayahuasqueira, foram testadas com modelos paramétricos de análise de variância

(Teste t de Student e ANOVA) e testes equivalentes não paramétricos (Mann Whitney e Kruskal wallis) (Zar, 1984).

Para testar a correlação entre a compreensão e a idade dos entrevistados, como também o número de anos na escola, e o número de meses de participação na doutrina, foi efetuada a Correlação de Person. Para esses testes, aplicou-se o programa PAST versão 3.18 (Hammer, Harper, 2008) e o nível de significância (p) considerado foi de 0,05. Para as respostas qualitativas dos formulários, houve a transcrição dos áudios e das falas espontâneas, que foram avaliadas por análise de conteúdo e atenderam as etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (Bardin, 2009). As interpretações das conversas com os entrevistados embasaram-se no conceito ético de Posey (2001), uma vez que refletiram as realidades cognitivas dos próprios pesquisadores. A inserção no CURA procurou o posicionamento de ouvinte-aprendiz: ouvir, registrar, interpretar e compreender, valorizando o pensamento êmico com base nas expressões pronunciadas nos relatos de vida dos participantes em relação à bebida.

Resultados

A religiosidade e a doutrina ayahuasqueira no Centro de Unificação Rosa Azul

A filosofia semeada no CURA prega a expansão da consciência do ser humano, para que através disso perceba a sua função e importância no mundo, pois o objetivo de sua existência é a plenitude espiritual, como observado pelo mestre: “onde a espiritualidade possa ser a expansão do ser humano e seja criada uma sociedade de amor, para habitarmos com felicidade o planeta” (entrevistada M. Freitas, em junho de 2017). A doutrina do CURA esforça-se em transmitir este aprendizado, trabalhando-o dentro das tradições ayahuasqueiras e, para tal, reúne ensinamentos de outras religiões (catolicismo, umbanda, tradição indiana, espiritismo), como percebido nas palavras do mestre: “O objetivo é que seja uma religião de expansão, onde você possa convergir os outros sistemas de crenças, pois cada um é equivale a um caminho para iluminar a consciência”.

A religiosidade praticada se expressa nos momentos de comunhão com o chá que, num passo-a-passo, orienta no sentido da transformação do ser humano. Tal transformação só é obtida pela força da natureza, a qual se manifesta com a expansão da mente através da bebida. Nas palavras do mestre, essa “conexão com o mundo amadurece nestes momentos de comunhão. O chá é um ser divino que traz uma integração da própria natureza, é como se você tivesse a oportunidade de comungar a essência do que a Terra pode te oferecer dentro do processo espiritual”. Segundo o mestre, a bebida possibilita ao homem enxergar a presença divina nos constituintes naturais e se conectar com este macroorganismo. “A bebida nos dá a compreensão de que Deus está em integração com a natureza, em todos os elementos, seja na forma animal, vegetal etc.”

O santo daime e a união do vegetal foram as linhas ayahuasqueiras que embasaram a formação do CURA, sendo a primeira pioneira na prática do uso urbano. Foi fundada por Raimundo Irineu Serra, mestre Irineu, em 1930, no Acre, que ressignificou seu uso e inseriu elementos próprios como o fardamento, os bailados, o nome daime à bebida.

A segunda linha, denominada união do vegetal (UDV), foi fundada em 1960 por José Gabriel da Costa, mestre Gabriel, em Rondônia, que formulou os preceitos de uma nova igreja, que consagrou a bebida denominada “Vegetal”, as músicas que receberam o nome de “Chamadas”, e ainda inseriu um padrão de comportamento hierárquico entre os membros e seguidores. O CURA segue a linha de unificação, fundada em 1990 pelo acreano Francisco Souza de Almeida, mestre Francisco. O significado da unificação vem dos trabalhos religiosos do mestre com a bebida e do contato com os mestres citados anteriormente. Essa ampliação filosófica que unificou diferentes elementos religiosos levou a criação de um núcleo da unificação no estado do Pará, inaugurado no dia 14 de fevereiro de 2009, que recebeu em seguida o nome de Centro de Unificação Rosa Azul em 21 de julho.

Os membros do CURA e a compreensão da doutrina

Tabela 2 – Análises estatísticas (valor do teste e nível de significância) evidenciando as diferenças e relações entre os valores de compreensão e as variáveis socioeconômicas dos entrevistados (t-Teste t de Student; F – ANOVA; U- Mann Whitney; H- Kruskal wallis; r – Correlação de Person).

	Doutrina	Ritual	Plantas	Cura
Gênero	(U=31 p=0.95)	(t=0,17 p=0.86)	(U=18.5 p=0.16)	(t=-1,17 p=0.25)
Idade	(r=-0.13 p=0.6)	(r=0.24 p=0.37)	(r=-0.44 p=0.09)	(r=-0.26 p=0.34)
Escolaridade	(r=-0.23 p=0.4)	(r=-0.13 p=0.63)	(r=-0.61 p=0.01)*	(r=-0.24 p=0.38)
Religião	(H=0.86 p=0.63)	(H=1.70 p=0.40)	(H=3.21 p=0.19)	(H=-0,01 p=0.99)
Entre os que foram levados por amigos e que foram convidados por familiares	(U=18 p=0.71)	(t=-0.27 p=0.78)	(t=0.01 p=0.98)	(t=-0.95 p=0.35)
Motivo da busca pelo CURA	(F=0.17 p=0.84)	(F=0.40 p=0.67)	(F=0.70 p=0.51)	(F=-0,09 p=0.90)
Tempo na doutrina	(r=0.10 p=0.7)	(r=0.50 p=0.05)	(r=0.39 p=0.14)	(r=0.03 p=0.88)
Entre os que frequentaram ou não outra religião ayahuasqueira	(U=19.5 p=0.73)	(U= 20 p=0.77)	(t=-0.70 p=0.49)	(t=-2,19 p=0.04)*

Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Do público participante, entrevistaram-se nove homens e oito mulheres, com 18 a 54 anos de idade. O nível de escolaridade variou do 2º ano do ensino médio à pós-graduação, com renda salarial variando de zero até seis salários mínimos. Entre as ocupações mais frequentes, estão autônomos e funcionários das redes pública e privada de educação (confirmar se é isso mesmo). Observou-se que, independente dessas

variáveis socioeconômicas, a partir do momento em que se iniciava como um membro do CURA, assumia responsabilidade e função semelhante à de um integrante mais antigo; além disso, recebia o mesmo embasamento teórico de estudo. Os questionários evidenciaram que as pessoas entrevistadas possuem compreensão ou compreensão alta sobre o CURA, pois o grau de entendimento geral variou entre seis a dez no escore de afirmações (Tabela 1).

Não houve diferença no nível de compreensão sobre a doutrina quanto às variáveis analisadas (Tabela 2). Esse resultado está em conformidade com os discursos dos mestres do CURA, ao argumentarem que o objetivo é proporcionar autonomia na busca do autoconhecimento, do aprimoramento espiritual e da prática fiel do bem, como etapas do processo de restauração física e espiritual, independente de condições socioeconômicas.

As plantas e seus significados

As plantas simbolizam presentes do divino aos homens; a chacrona é a “luz”, a parte feminina, delicada; traz clareza em busca da melhora pessoal; o mariri é a força intensa, o masculino; promove o fechamento, a totalidade; transfere a “força” para que se tenha impulso e firmeza na mudança moral. Cada etapa do trabalho com os dois vegetais é sempre carregada de muito respeito e gratidão; é uma honra tocar e trabalhar com as plantas; uma veneração. Na limpeza das folhas da chacrona, as pessoas tocam delicadamente, admirando-as em detalhes, e perguntam-se como é possível tanta perfeição.

Botanicamente, mariri e chacrona foram descritos primeiramente por Richard Spruce em 1851, e Ruíz e Pavón em 1779, respectivamente. A seguir, encontram-se dados de suas origens, morfologias e distribuição geográfica:

Banisteriopsis caapi (Spruce ex Griseb.) Morton

A espécie pertence às Malpighiaceae, é nativa da região amazônica, apresenta forma de vida do tipo liana trepadeira (Forzza, 2010). Tem área de ocorrência na Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador e Peru (Gates, 1982). No Brasil, se distribui nas regiões Norte e Centro-Oeste, com presença nos estados do Acre, Amazonas, Pará, Rondônia e Mato Grosso; predominando no domínio fitogeográfico Amazônia (Forzza, 2010). No CURA existem duas etnovariiedades do cipó, o tucunacá, com formato de trança; e o caupuri, com nós inflados. O caupuri produz uma bebida de sabor mais forte e efeito intenso, ao contrário do tucunacá.

Psychotria viridis Ruiz & Pav.

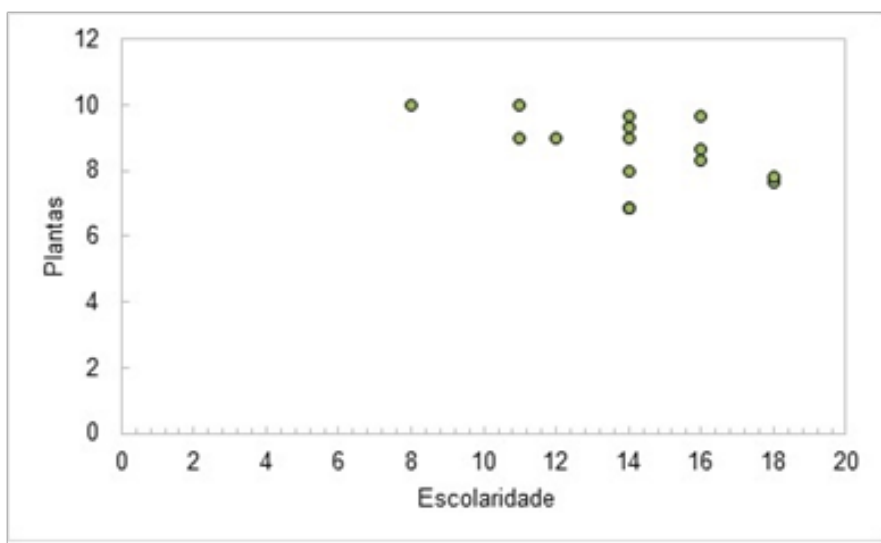
A espécie pertence às Rubiaceae, originária de floresta tropical, possui hábito arbustivo e suas folhas são denominadas de rainha, chacrona e kawa (Camurça, Sêrpico,

2006). Geralmente, são encontrados alcaloides nas folhas e suas concentrações variam ao longo do dia (Mckenna, Callaway, Grob, 1998). A espécie ocorre nas Antilhas, Argentina, Brasil, Bolívia e México (Taylor, 2007). No Brasil, se distribui nas regiões Norte e Sudeste, com ocorrência nos Estados do Acre, Amazonas, Minas Gerais e São Paulo, e é predominante nos domínios fitogeográficos Amazônia e Mata Atlântica (Forzza, 2010).

Os dois vegetais são concebidos pelos integrantes do CURA com grande poder terapêutico. Ao beber o chá, ingere-se, também, o espírito dessas plantas tidas como professoras, doutoras e mestras. A partir dessas concepções hierárquicas de poder dado às plantas, as pessoas iniciam sua melhora, abandonam comportamentos destrutivos, e consideram-se retornando à natureza, a sua essência como seres humanos na Terra. Para elas, isso faz todo sentido no enfrentamento de doenças orgânicas e espirituais; no entendimento de outras realidades que se encontram em dimensões muito além de ilusões e perdições da vida mundana, como o apego a coisas materiais, os vícios etc.

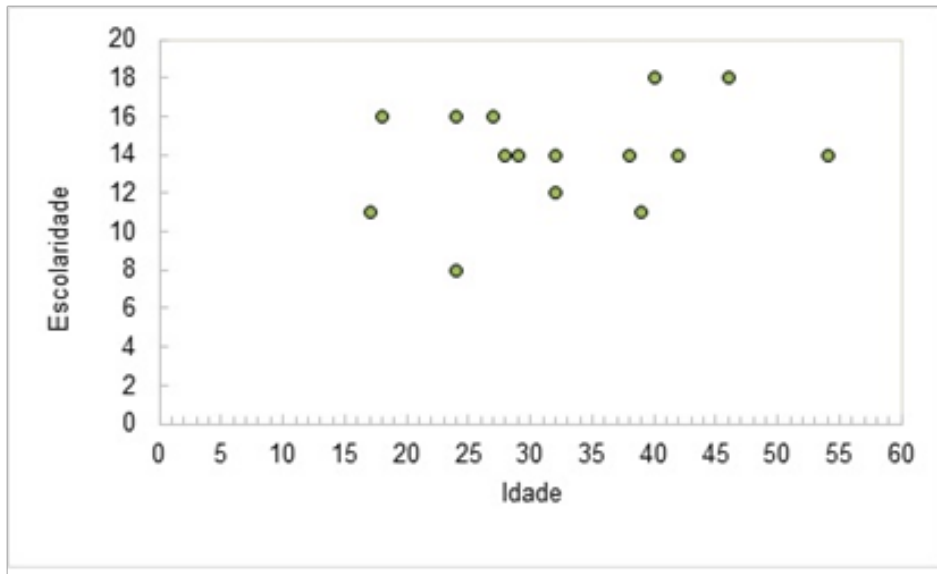
Estatisticamente, na relação dos conhecimentos dos integrantes com a chacrona e o mariri, não se identificou influência das variáveis para este entendimento (Tabela 2). Entretanto, observou-se diminuição com o aumento da idade, assim como correlação negativa quando investigado o tempo de escolaridade. Ou seja, o conhecimento sobre as plantas diminui com o aumento da escolaridade. Essa correspondência pode ser justificada pelo fato de que, nesse conjunto de dados, a idade está associada com o número de anos dos entrevistados na escola ($r=0.5$ $p=0.04$). Isso demonstra que os mais jovens, mesmo com escolaridade inferior, possuem entendimento maior das plantas, evidenciando que, apesar da pouca idade e baixa escolaridade, dominam assuntos bastante específicos (Figura 1 e 2); além de se mostrarem empenhados em orientar nas práticas sobre a ayahuasca.

Figura 1 – Relação entre “tempo de escolaridade” (horizontal) e o conhecimento sobre as plantas (eixo vertical).



Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Figura 2 – Relação entre “anos de escolaridade” (eixo vertical) e “a idade dos entrevistados” (eixo horizontal).



Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Os rituais no CURA: as celebrações com a bebida ayahuasca

As celebrações do CURA valorizam bastante o aspecto festivo de suas cerimônias e são regidas por uma série de convenções e comportamentos. Todos os aspectos religiosos não acontecem de forma alheia e tudo passa a ter ritualidade: a bebida, o entoar e o bailar os hinos etc. vêm agregar várias expressões religiosas que repensam o sincretismo, o hibridismo e o sentido amplo da palavra ritual. A importância desse conjunto é muito clara no CURA e mostra a herança das tradições daimistas desde os tempos do mestre Irineu. A devoção por santos, o trabalho em mutirão e o compadrio continuam bastante valorizados e funcionam como mecanismos de coesão. Não é apenas o momento da comunhão que garante a eficiência do trabalho espiritual, mas o conjunto de etapas que formam as identidades com as religiões ayahuasqueiras.

Os rituais ocorrem conforme o calendário anual do CURA, que tem programação semelhante aos da UDV e santo daime. Entre estes estão hinários, ensaios de hinário, alinhamentos de chacras e feitios (coletas das plantas e preparação da bebida).

Hinários

Hinário é o conjunto de composições e musicalidade que auxiliam na concentração após a comunhão com ayahuasca. Cada letra composta pode surgir das inspirações astrais dos membros, que aparecem num momento de criação e inspiração. Grandes mestres ayahuasqueiros deixaram um legado de letras e melodias que se perpetuaram por abordar temas sobre respeito, amor, gratidão, humildade e fé. Os hinários ocorrem nas datas de

aniversários dos mestres espirituais; dia do Natal (de 24-25 de dezembro); e no círio de Nossa Senhora de Nazaré, por simbolizar um período de grande força religiosa que circunda a cidade de Belém-Pará. É um momento de veneração da divindade feminina, que rege o universo, cura e protege a vida de todos os seres.

No CURA, os hinos auxiliam na disseminação da doutrina, pregando seus ensinamentos nas letras das músicas e conduzindo a novos comportamentos. São períodos festejados no CURA e de profundo respeito, exigindo a preparação dos participantes com relação à dieta alimentar, isolamento, concentração e conduta moral. Tanto os hinos quanto os bailados promovem um tipo de concentração denominada “ativa” e trata-se de um momento em que, através desses compassos, de música, letra e dança, podem-se invocar seres espirituais que auxiliam na condução desses ritos.

Os festejos dos hinários só acontecem após uma rotina de treinamentos e ensaios realizados nos dias de quarta-feira, a “Quarta do Divino”. Os ensaios são “aquecimentos” para estimular a sintonia do grupo, exercitar a concentração e a musicalização. Os cânticos são como liturgias, constituídos por estrofes, frequentemente repetidas como “mantras”, que auxiliam na interpretação das mensagens transmitidas pelas letras. É através das danças e cantos que se alcança o transe e a comunicação com outros planos espirituais, apresentando-se através da “burracheira”, que significa um estado físico e psicológico do efeito do chá, referindo-se à “força” sentida no corpo. Um dos mestres orientou que nos ensaios os ensinamentos são assimilados através do trabalho meditativo coletivo. “A tradição é oral, os primeiros trabalhos de fazer, alimentar e construir a religião, é tudo oral. Você tem que aprender escutando, ensaiando, porque é uma experiência, ela não é de outra forma” (entrevistada M. Freitas, em junho de 2017).

Nos hinários há participação de fardados e não-fardados, tendo os primeiros o compromisso de ser atuantes e assíduos nas sessões. Os fardados vestem uniforme branco, com modelo tanto para os homens quanto para as mulheres; nos bolsos no lado esquerdo das camisas são bordados o símbolo do CURA que reúne elementos das suas religiões fundadoras: o Arco (UDV), o hexagrama (santo daime) e a Rosa Azul (CURA). Os fardados passam a usar esses trajes quando recebem instruções divinas, ou seja, mensagens que podem receber na ocasião da comunhão com a bebida, que leva a vivências em outro plano físico. A farda confere maior responsabilidade e o compromisso de contribuir com o avanço espiritual, doutrinário e estrutural da irmandade.

O bailado acompanha os hinários e se assemelha a uma marcha ou valsa, guiada pelo som de maracás, no qual homens e mulheres, em filas separadas, fazem movimentos rítmicos, reproduzindo a pulsação da terra. Cada adepto baila no compasso da música, por várias horas ao longo da noite, projetando o corpo em passos curtos, para a direita e esquerda; uma marcação ativa e ritmada que também auxilia no trabalho de concentração.

Os hinos entoados são da autoria dos grandes mestres, como Irineu, ou de integrantes do próprio CURA, que recebem as composições quando alcançam elevação espiritual. O hino “Mamãe chegou”, de autoria do mestre, é um dos mais cantados no CURA, e relata a missão dos seres viventes em cuidar da natureza e do outro:

Mamãe chegou para entregar boas sementes para todos nós plantar, plantar, plantar
no coração a Santa Rosa da Virgem da Conceição. Mestre chegou veio avisar que

está na hora da gente trabalhar, vem trabalhar para crescer, roçar a terra para a rosa florescer; floresce a rosa, rosa da vida para quem tem fé sempre há uma saída; tempo chegou vamos provar que pra crescer não é só Daime tomar (entrevistado F. Exposito, em novembro de 2017).

O recebimento dos hinos ainda é um fenômeno pouco compreendido, pois não existe uma razão aparente que determine quais pessoas serão escolhidas. Assim como a elaboração de composições pode ser uma novidade na vida de uma pessoa que passa a ter contato com a ayahuasca, também é fato comum que após certo período novas habilidades e aptidões poderão desabrochar, como artes plásticas, instrumentos musicais, uma boa retórica etc.

Feitio

O feitio corresponde as fases de coleta das plantas e preparo da bebida. Acontece três vezes ao ano e é um dos rituais mais importantes do CURA, pois se trata de uma organização social de trabalho, estreitamento com as forças da natureza e o conhecimento sobre si mesmo. Antes do feitio, os membros preparam-se espiritualmente numa atividade denominada de alinhamentos dos chacras, que promove o ordenamento físico, psicológico, emocional e espiritual, fundamentais para o preparo da ayahuasca; há a necessidade de romper com as tentações mundanas e preparar-se para o trabalho com a bebida.

O feitio tem duração de quatro ou mais dias e reúne pessoas da irmandade e visitantes voluntários. Com separação nítida de tarefas entre homens e mulheres, os primeiros partem em caravana rumo a localidade de Santa Rosa (município de Magalhães Barata, Pará) para a coleta e corte do cipó. Trabalhar com o cipó requer força, resistência e concentração para entender as mensagens da mata. Quando os cipós chegam ao CURA, os homens se responsabilizam pela limpeza e maceração na casa de feitio.

A coleta da chacrona fica sob os cuidados das mulheres e, nessa etapa, as participantes são orientadas a pensar positivamente durante tal tarefa, uma vez que energias negativas contaminam a planta e prejudicam a experiência espiritual. Com todos os materiais coletados, inicia-se a arrumação das panelas (camadas de folha e cipó macerado intercalados), para que passem por fervura em água. O tempo de fervura pode ser de três horas ou dias, dependendo da consistência desejada para o chá, que, depois de pronto, é armazenado em garrafas de vidro de coloração escura e guardados em local arejado, podendo ficar conservado por quatro anos.

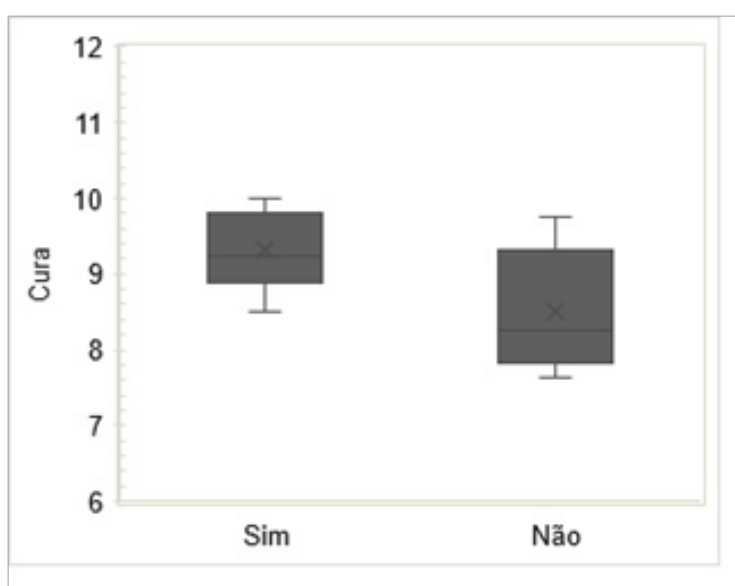
O chá é preparado em tempos de cozimento diferentes, originando consistência que variam de líquida a mais viscosa. Dependendo desse tempo, quantidade de folhas, cipó e água, a bebida receberá o nome de daime (líquido menos concentrado, menos apurado), vegetal de primeiro apuro, vegetal de segundo apuro, semi-mel e mel (mais viscoso). Esses diferentes níveis de concentração com a bebida têm função diferenciada e segue as orientações dos mestres, que fazem a ponderação tanto da quantidade, quanto da concentração, levando em conta para isso o estado em que pessoa se encontra, o que busca etc.

Em outros grupos ayahuasqueiros, a hierarquia entre os membros e a segregação do trabalho entre homens e mulheres durante o feito são bastante rígidos, ao contrário do CURA, em que ambos os gêneros podem atuar como protagonistas das preparações, celebrações e narrativas. Tal integração de tarefas e aporte de conhecimentos entre os entrevistados foram evidenciados nas análises estatísticas, que mostraram não haver diferença do nível de entendimento sobre o ritual (Tabela 2). Esse resultado é fruto da postura igualitária dentro do CURA, em que cada integrante vivencia-o de forma plena.

A compreensão da cura no Centro de Unificação Rosa Azul

A cura para os frequentadores da congregação não é apenas a ausência de incômodos físicos, como algo puramente orgânico, mas a reestruturação de personalidades e condutas; a ação terapêutica tem repercussão na transformação moral dos sujeitos. A partir do contato com a doutrina, têm-se superação de problemas e sofrimentos, correção de defeitos e a obtenção de alívios, renovações e fortalecimentos para o convívio em sociedade, que foram apontados como uma doença. “Precisamos nos curar de egoísmos e de todas as más qualificações que fazem parte desse mundo. Então, essa é a cura” (entrevistado A. Barbalho, em novembro de 2017). Os dados da Tabela 2 mostraram que não houve diferença do nível de compreensão dos entrevistados sobre a cura (Tabela 2), exceto entre as pessoas que já haviam feito o uso do chá em outra religião, que foi significativamente maior ($t=-2,19$ $p=0.04$) (Figura 3). Por conhecerem outras religiões ayahuasqueiras semelhantes ao CURA e por ter alcançado objetivos com o uso da bebida, tais participantes percebem na ayahuasca o papel revitalizador e medicinal.

Figura 3 – Diferença da média da percepção sobre a cura entre os entrevistados que nunca tinham feito uso do chá e aqueles que fizeram em outra doutrina.



Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Nos questionários foram sinalizadas as curas orgânicas verificadas após a ingestão da bebida, como a perda de peso, recuperação da motilidade em articulações, diminuição das taxas de açúcar no sangue, disposição para executar atividades cotidianas, melhora na respiração, memória e atenção, diminuição no nível de stress, ansiedade, dores no corpo, asma, assim como resistência a viroses e alergias, entre outros benefícios. Problemas de alcoolismo, tabagismo e com outros compostos químicos estão entre os vários aspectos que motivaram a procurar o CURA.

Discussão

O Rosa Azul é uma comunidade religiosa que associa experiências de sabedoria, ritualidades e ensinamentos. Essa convergência é também nomeada de hibridismo e pode ser mais bem entendida como um processo de ressimbolização, em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem às tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em uma nova cultura (Bernd, 2004). O reconhecimento de si e a transformação pessoal experienciados no CURA são resultados de experiências coletiva e sagrada com a ingestão ritual ayahuasca. O rito da beberagem associada aos ensinamentos proferidos pelos mestres locais, pelos cânticos tradicionais, pelo bailado e outras muitas atividades religiosas do grupo, leva os fiéis a novos estágios de vida, os quais eles afirmam ser mais positivos para a saúde pessoal e integração social. O novo modo de vida é resumido a um termo “nativo” bastante significativo: um novo estado de consciência (Tabone, 1988).

Segundo Böschemeier (2012), os participantes vivenciam momentos novos e positivos de consciência porque a bebida não é apenas consumida, mas é “vivida” coletivamente, em um contexto em que as sensações do corpo e os ensinamentos tradicionais interagem em experiências profundas.

A transformação pessoal alcançada no CURA é, na visão de Luna (1986), semelhante à trajetória dos antigos povos da floresta amazônica, que possuíam um profundo respeito com a natureza, a consideravam uma divindade, constituída pelas águas, matas, animais etc. Harner (1980) interpretou que, por muito tempo, os homens especialistas das matas acreditaram que o poder que possuíam era o mesmo que o de outros seres da natureza; e, a partir do contato com os recursos da terra, absorviam os poderes para a compreensão de sua existência, para ajudar as pessoas contra doenças e fortalecê-las para a vida diária. Thavellin (2017) também observou que tal ancestralidade possibilita a reconexão do homem urbano com a natureza quando este compreende que é dela que se obtém os suprimentos para a sobrevivência.

Os segmentos oriundos da linha da unificação possuem por proposta ideológica a junção dos ensinamentos das doutrinas tradicionais. Essa tolerância religiosa e pluralidade de crenças foi discutida por Lira (2009) como o grande diferencial da linha da unificação. Apesar de existir uma conservação das bases religiosas nos rituais através do revezamento de símbolos, valores e normas daimistas e udevistas, a inclusão de elementos de outras religiões não é totalmente vedada (Lira, 2011).

A procura por novas linhas ayahuasqueiras e suas migrações para os centros urbanos foi designada como Nova Era, por incorporar o holismo e o místico na dinâmica espiritual (Siqueira, 2002). Cordovil (2015) propõe o uso do termo Religiões de Nova Era para os sistemas religiosos que possuem o foco na superação de dualidades como mente/corpo, homem/natureza, masculino/feminino. Tal busca espiritual também é um reflexo de uma profunda crise de significação da sociedade contemporânea.

As plantas orientam os participantes a seguir os ensinamentos e praticá-los através da peia, que consiste nos momentos durante os rituais em que podem ocorrer náuseas, vômitos, choro etc., que servem como mecanismo de aprendizado e instrução. Nos centros Associação Espiritualista União do Vegetal (AEUDV), em Pernambuco, e no Centro de Harmonização Interior Essência Divina (CHIED), em Alagoas, Lira (2009) identificou que os membros entendiam a peia como o momento para se expulsar energias negativas, fazendo-os compreender que não estavam sendo obedientes e responsáveis para com o trabalho da irmandade.

A crença do poder da cura no Centro de Unificação Rosa Azul se consolida na concepção da existência de dois mundos, o espiritual e o material, e a bebida ayahuasca é um instrumento de transformação e cura. Pesquisas do Núcleo Estrela da Manhã (UDV) na Bahia e Ricciardi (2009) observaram resultado semelhante ao do CURA intitulado “transformação”, pois segundo a autora, as pessoas encontravam soluções para seus problemas e adquiriam um novo sentido para a vida. A cura é uma esperança renascida, como observado no estudo de Júnior et al. 2015 em comunidade ayahuasqueira no Estado de Rondônia, em que os participantes apresentaram alto nível de esperança para a renúncia pelo uso de drogas. Além do mais, não é apenas uma ação farmacológica produzida no indivíduo: existe ainda o apoio da irmandade e da família, evidenciando que a eficácia é obtida quando há uma modulação de todo o ambiente do ser humano, em suas conexões interpessoais (Frecka, Bokor, Winkelman, 2016).

A constatação do papel terapêutico da ayahuasca tornou-se alvo de estudos de caráter clínico e não clínico devido ao aumento do número de adeptos curados. Sanches (Sanches, de Lima Osório, dos Santos, Macedo, Maia-de-Oliveira, Wichert-Ana, de Araujo, Riba, Crippa, Hallak, 2016) avaliaram os efeitos de uma dose única em seis voluntários com episódio depressivo e observaram sintomas ansiolítico e antidepressivo de ação rápida a partir de reduções significativas nos escores depressivos de até 82%; constataram ainda que a bebida não induziu episódios de mania e hipomania nos pacientes com transtornos de humor e modificações no conteúdo do pensamento. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a depressão está entre os problemas mais prevalentes que resultarão em custos consideráveis para a sociedade, pois estima-se que será a principal causa de incapacidade mental no mundo em 2030 (OMS, 2012). Apesar do avanço nas medicações antidepressivas, os tratamentos ainda são pouco eficientes e, por isso, novas alternativas promissoras estão sendo propostas com a ayahuasca (Cameron, Benson, Dunlap, Olson, 2018).

A bebida é rica em compostos bioativos e está sendo apontada em estudos sobre doenças neurológicas. Verificou-se (Frecka, Szabo, Winkelman, Luna, McKenna, 2013) que o DMT pode estar associado à proteção e regeneração de células neurais. Fisher et al. (2018) sinalizaram os alcaloides do cipó no combate a doenças degenerativas, a

exemplo do Parkinson. Um grupo de pesquisadores (Morales-García, Revenga, Alonso-Gil, Rodríguez-Franco, Feilding, Perez-Castillo, Riba, 2017) conseguiram estimular a proliferação e diferenciação de células estaminais neuronais em neurônios de ratos adultos, corroborando o potencial de tais compostos na aplicação de estudos sobre distúrbios cerebrais.

Percebe-se que a bebida atua como instrumento restaurador da ordem social e os seus adeptos gerenciam com êxito problemas com drogas, limpam o corpo e conectam-se a valores de boa conduta moral (Mercante, 2013). Uma equipe (Bouso, González, Fondevila, Cutchet, Fernández, Barbosa, Alcázar-Córcoles, Araújo, Barbanoj, Fábregas, Riba, 2012) avaliou o impacto na saúde mental de 127 usuários e 115 indivíduos do grupo controle e não encontrou alterações patológicas nos quesitos personalidade, psicopatologia, neuropsicologia, atitudes de vida e bem-estar psicossocial. Ademais, os usuários apresentaram melhor desempenho nos testes efetuados. Segundo Palhano-Fontes et al. (2015) a ayahuasca estimula áreas do encéfalo aumentando a introspecção, autopercepção e permite que o indivíduo se torne um espectador atento. Demonstrando o motivo pelo o qual os consumidores se enxergam mais reflexivos e autoconscientes quando estão na “força” do Daime.

Conclusão

Apesar de as plantas e da bebida ayahuasca no CURA serem reconhecidas como um caminho de cura, o alcance da cura para os membros não depende apenas dos anseios de quem comunga; ao contrário, esse processo é conduzido conforme as ordens da bebida, que leva em consideração as necessidades individuais de cada pessoa. As duas plantas exercem uma função social no CURA e recebem o status de professoras e mestras que mostram caminhos de transformação social, espiritual e orgânica; levam a realidades sagradas e ao aprendizado moral. Os participantes que experimentam tais experiências apresentaram perfil socioeconômico bastante heterogêneo e, desta forma, entende-se que a bebida não é de uso restrito de um grupo, ou classe social, mas é instrumento de aprendizado para qualquer pessoa que almeje iniciar um trabalho espiritual com a bebida ayahuasca.

A pesquisa identificou que o conhecimento sobre a doutrina, os saberes sobre as plantas, os aspectos rituais e da cura estão distribuídos de maneira uniforme entre os participantes, não sendo o mesmo exclusivo de poucos; e é por meio dessa rede de conexões sobre o universo da ayahuasca que ocorre a reafirmação e ressignificação deste sacramento nos centros urbanos. O nível elevado de conhecimento acerca da doutrina apresentado por todos os entrevistados reitera o compromisso destas pessoas com os ensinamentos recebidos dos mestres sobre a ayahuasca.

A experiência religiosa da ayahuasca transita entre duas dimensões socioculturais bastante distintas: de um lado, a zona urbana, onde a cultura predominante entende as dimensões humanas como dominadora e controladora da natureza; de outro, as tradições das religiões ayahuasqueiras, que herdaram saberes e ensinamentos de comunidades étnicas tradicionais do oeste da Amazônia Baixa, dos quais se observa que

cultura e natureza não têm distinções e nem hierarquias ontológicas. Dessa forma, a compreensão científica das humanidades entende que seus horizontes crítico-analíticos estão contidos no sistema de entendimento urbano.

Os estudos de comunidades ayahuasqueiras abrem não só o desafio de entender com certa abrangência as experiências das religiões de beberagens como também os limites compreensivos aos quais as ciências ocidentais se limitam. As experiências religiosas dos confessantes ayahuasqueiros é um desafio ainda a ser perseguido. Contudo, este trabalho interdisciplinar é um passo nos estudos deste complexo fenômeno religioso em áreas fronteiriças de sociedades e entendimento intercultural.

Referências

- ALBUQUERQUE, M. B. B. Plantas professoras: dimensões psíquicas, históricas e educativas. *Amazônica – Revista de Antropologia (Online)* 9(1): 258 – 292, 2017.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2009.
- BERND, Z. O elogio da crioulidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe. In: Abdalla Jr, B (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridização & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, pp. 99-111, 2004.
- BERTOLINI, G. R. F. Modelo de avaliação da percepção dos consumidores em relação aos produtos ecologicamente corretos. Florianópolis, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – UFSC, 2004.
- BILHIMER, M. H.; SCHULT, R. F.; HIGGS, K. V.; WIEGAND, T. J.; GORODETSKY, R. M.; ACQUISTO, N. M. Acute Intoxication following Dimethyltryptamine Ingestion. *Case reports in emergency medicine* (2018): 1-3, 2018.
- BÖSCHEMEIER, A. G. E. In: *Ayahuasca, corpo e auto-transcendência– perspectivas xamânicas de cura e dissolução do eu*. 2012. Disponível em: <http://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/gretel_ayahuasca_corpo_transcendencia_2012.pdf>. Acesso em: jul. 2018.
- BOUSO, J. C.; GONZÁLEZ, D.; FONDEVILA, S.; CUTCHET, M.; FERNÁNDEZ, X.; BARBOSA, P. C. R.; ALCÁZAR-CÓRCOLES, M. Á.; ARAÚJO, W. S.; BARBANOJ, M. J.; FÁBREGAS, J. M.; RIBA, J. Personality, psychopathology, life attitudes and neuropsychological performance among ritual users of ayahuasca: a longitudinal study. *PLoS One* 7(8): e42421, 2012.
- BRANDALISE, L. T. A percepção do consumidor na Análise do Ciclo de Vida do produto: um modelo de apoio à gestão empresarial. Cascavel, Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – UFSC, 2008.
- CAMERON, L. P.; BENSON, C. J.; DUNLAP, L. E.; OLSON, D. E. Effects of N, N-dimethyltryptamine (DMT) on rat behaviors relevant to anxiety and depression. *ACS chemical neuroscience* 7(9):1582-1590, 2018.

- CAMURÇA, D. M.; SÉRPICO, R. L. *Ayahuasca: revisão teórica e considerações botânicas sobre as espécies*. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Guarulhos, Guarulhos, 2006.
- CORDOVIL, D. *Religiões de Nova Era em Belém, Pará: entre o cosmopolitismo e a identidade local*. REVER 15(1): 126-143, 2015.
- CRUZ, A. T. D. *Manipulando socialidades: pessoas, mistérios e prestações rituais*. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais (21): 95-109, 2016.
- DA MATTA, R. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- FISHER, R.; LINCOLN, L.; JACKSON, M. J.; ABBATE, V.; JENNER, P.; HIDER, R.; LEES, A.; ROSE, S. *The effect of Banisteriopsis caapi (B. caapi) on the motor deficits in the MPTP-treated common marmoset model of Parkinson's disease*. Phytotherapy Research 32(4): 678-687, 2018.
- FRECSKA, E.; SZABO, A.; WINKELMAN, M. J.; LUNA, L. E.; MCKENNA, D. J. *A possibly sigma-1 receptor mediated role of dimethyltryptamine in tissue protection, regeneration, and immunity*. Journal of Neural Transmission 120: 1295–1303, 2013.
- FRECSKA, E.; BOKOR, P.; WINKELMAN, M. *The therapeutic potentials of ayahuasca: possible effects against various diseases of civilization*. Frontiers in pharmacology 7(35): 1-17, 2016.
- FORZZA, R. C ET AL. (Org.). *Catálogo de plantas e fungos do Brasil, volume 2*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010.
- GATES, B. *Flora Neotropica – Banisteriopsis, Diplopterys (Malpigiaceae)*. Monograph 30. New York: The New York Botanical Garden Press, 1982.
- GIVEN, L. M. *The sage encyclopedia of qualitative research methods. v.1 e 2*. California: SAGE, 2008.
- GOTTARDO, G. de O.; Oliveira, R. C de. *Enfrentar as incertezas: caminhos e descaminhos pré-históricos*. Revista Magistro 1(13): 82-96, 2016.
- GOULART, S. L. *Contrastes e continuidades em uma tradição Amazônica: as regiões da Ayahuasca*. São Paulo, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UNICAMP, 2004.
- GOULART, S. L.; LABATE, B. C.; CARNEIRO, H. *Introdução*. In: Labate, B. C.; Goulart, S. L (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado de Letras. FAPESP, pp. 29-55, 2005.
- GRUZINSKI, S. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HALBERSTADT, A. L. Behavioral and pharmacokinetic interactions between monoamine oxidase inhibitors and the hallucinogen 5-methoxy-N, N-dimethyltryptamine. *Pharmacology Biochemistry and Behavior* 143: 1-10, 2016.

HAMMER, Ø.; Harper, D.A.T. *Paleontological data analysis*. Hoboken: John Wiley & Sons, 2008.

HARNER, M. *O caminho do xamã. Um guia de poder e cura*. São Paulo: Cultrix, 1980.

JÚNIOR, T. D. DE J.; SALVI, J. DE O.; EVANGELISTA, D. H. R. Ayahuasca, qualidade de vida e a esperança de adictos em recuperação: relatos de caso. *Acta toxicologica Argentina* 23(1): 53-61, 2015.

KEIFENHEIM, B. “Nixipae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru”. In: Labate, B. C.; Araújo, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: Mercado das Letras. FAPESP, pp. 95-125, 2002.

LABATE, B. C. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. In: Labate, B. C.; Araújo, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: Mercado das Letras. FAPESP, pp. 231-273, 2002.

LABATE, B. C. Dimensões legais, éticas e políticas da expansão do consumo da ayahuasca. In: Goulart, S. L.; Labate, B. C. (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. São Paulo: Mercado de Letras, pp. 397-457, 2005.

LANGDON, E. J. A tradição narrativa e aprendizagem com yagé (ayahuasca) entre os índios Siona da Colômbia. In: Labate, B. C.; Araújo, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: Mercado das Letras. FAPESP, pp. 68-96, 2002.

LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology, Bethel Park* (140): 44-53, 1932.

LIRA, W. L. *Os trajetos do êxtase dissidente no fluxo cognitivo entre homens, folhas, encantos e cipós: uma etnografia ayahuasqueira nordestina*. Recife, Dissertação (Mestrado em Antropologia) – UFPE, 2009.

LIRA, W. L. Uma nova união: reconfigurações da família ayahuasqueira no Alto da Paz. *Mneme-Revista de Humanidades* 12(29): 623-652, 2011.

LUNA, L. E. The concept of plants as teachers among four mestizo shamans of Iquitos, northeastern Peru. *Journal Ethnopharmacology*. 11(2): 135-156, 1984.

LUNA, L. E. *Vegetalismo: Shamanism Among the Mestizo Population of the Peruvian Amazon*. Estocolmo, Tese (Doutorado em Humanidades) – Universidade de Estocolmo, 1986.

MALINOWSKI, B. Objeto, Método e alcance desta pesquisa. In: Malinowski, B. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1976. pp. 38-61.

MCKENNA, D. J.; CALLAWAY, J. C.; GROB, C. S. The scientific investigation of ayahuasca: a review of past and current research. In: Nichols, D. E. The Heffter Review of Psychedelic Research, Santa Fe: The Heffter Research Institute, pp. 65-76, 1998.

MERCANTE, M. S. Ayahuasca e o tratamento da dependência. *Mana* 19(3): 529-558, 2013.

MORALES-GARCÍA, J. A.; REVENGA, M. DE LA F.; ALONSO-GIL, S.; RODRÍGUEZ-FRANCO, M. I.; FEILDING, A.; PEREZ-CASTILLO, A.; RIBA, J. The alkaloids of *Banisteriopsis caapi*, the plant source of the Amazonian hallucinogen Ayahuasca, stimulate adult neurogenesis in vitro. *Scientific reports* 7(1): 1-13, 2017.

NARANJO, P. El ayahuasca in la arqueologia ecuatoriana. *America Indigena* 46(1): 117-128, 1986.

OMS – Organização Mundial de Saúde (OMS). (2012). Depressão: uma crise global. Dia da Saúde Mental. Disponível em: http://www.who.int/mental_health/management/depression/wfmh_paper_depression_wmhd_2012.pdf. Acesso em: Set. 2018.

PALHANO-FONTES, F.; ANDRADE, K. C.; TOFOLI, L. F.; SANTOS, A. C.; CRIPPA, J. A. S.; H, J. E. C.; RIBEIRO, S.; ARAUJO, D. B. de. The psychedelic state induced by ayahuasca modulates the activity and connectivity of the default mode network. *PloSone* 10(2): e01118-143, 2015.

POSEY, D. A. Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos. In: Diegues, A. C.; Moreira, A. de C. C. Espaços e recursos naturais de uso comum, São Paulo: NUPAUB-USP, pp. 279-294, 2001.

RICCIARDI, G. S. O uso da Ayahuasca e a experiência de alívio, transformação e cura na União do Vegetal (UDV). In: Nery Filho, A.; Macrae, E.; Tavares, L. A.; Rêgo, M. (Orgs.). Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas. Salvador: EDUFBA. CETAD, pp. 37-60, 2009.

SANCHES, R. F.; DE LIMA OSÓRIO, F.; DOS SANTOS, R. G.; MACEDO, L. R. H.; MAIA-DE-OLIVEIRA, J. P.; WICHERT-ANA, L.; DE ARAUJO, D. B.; RIBA, J.; CRIPPA, J. A. S.; HALLAK, J. E.C. Antidepressant effects of a single dose of ayahuasca in patients with recurrent depression: a SPECT study. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 36: 13-20, 2016.

SIQUEIRA, D. Novas religiosidades na capital do Brasil. *Tempo social* 14(1): 177-197, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v14n1/v14n01a09.pdf>

TABONE, M. A psicologia transpessoal: introdução a nova visão da consciência em psicologia e educação. São Paulo: Cultrix, 1988.

TAYLOR, C. M. Psychotria In: WANDERLEY, M. DAS G. L.; SHEPHERD, G. J., GIULIETTI, A. M.; MELHEM, T. S. A. (Coord.). Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo Online. São Paulo: FAPESP. 5: 259-460, 2007.

THEVENIN, J. M. R. A natureza nos caminhos da ayahuasca: territorialidade, arranjos institucionais e aspectos fitogeográficos de conservação florestal na Amazônia (Rondônia/Brasil). Presidente Prudente, Tese (Doutorado em Geografia) – UNES, 2017.

ZAR, J. H. Biostatistical Analysis. Second Edition. Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, Inc. A Simon & Schuster Company. Englewood Cliffs. pp. 563-564, 1984.

Recebido: 15 de março de 2020.

Aprovado: 8 de setembro de 2020.